

AfroReggae, 20 anos de reinvenção diária

Conglomerado social que surgiu como jornal de quatro páginas tem orçamento anual de R\$ 20 milhões

RUBEN BERTA
rberta@oglobo.com.br

É de dentro de um carro blindado, com um segurança no banco de trás, que o coordenador executivo do AfroReggae, José Junior, concede entrevista ao repórter do GLOBO. O caminho, de duas horas no trânsito, entre o batalhão da Maré e a Barra da Tijuca, percorrido na última quarta-feira, foi o único espaço disponível na agenda do dirigente de uma ONG que completa 20 anos de existência bem longe de qualquer padrão já definido. Aliás, a instituição, que se tornou a referência em trabalho social no Rio, sequer pode ser chamada só de ONG "meio postar", como o próprio Junior a define. Tem a sua marca em duas empresas e uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). E orçamento anual de R\$ 20 milhões para tocar cerca de 30 diferentes projetos.

— Não somos uma holding social porque o termo está em desuso — afirma — Enjoio até daquilo que dá certo. Se a gente parar, vem alguém mais novo e pega o que criamos. Estamos sempre nos reinventando. Quem olha o verdadeiro conglomerado social dos dias de hoje custa a acreditar em como começou sua história. Era 21 de janeiro de 1993 quando um jornalzinho de quatro páginas disse na capa de sua primeira edição a que veio. Queria dar "um recado contra o racismo e a injustiça social", com "um pouco de cada coisa, mas no tempo certo". Surgiu o AfroReggae Notícias. O que era para ser um simples informativo, restrito aos frequentadores da cena musical da Lapa, teve sua história

mudada por um trágico acontecimento, em agosto do mesmo ano: a Chacina de Vigário Geral, que terminou com 21 moradores mortos.

— Eu era cria da Lapa, mas fomos convidados por um grupo que fez uma caminhada de protesto entre a Candelária e Vigário Geral e conhecemos a comunidade — lembra Junior.

Como além de falar de música, o pequeno grupo de oito pessoas que tocava o jornal — com direito a cargos como editor-chefe e diretor responsável — também gostava de dar seu recado contra a injustiça, em Vigário, o AfroReggae se achou. Ao pular para o trabalho de uma ONG, não voltou seu foco para os meninos de rua, o que nove em cada dez entidades já faziam. Estabeleceu-se numa das favelas mais violentas do Rio.

— Quando eu disse que queria tirar as crianças do crime ali, as pessoas riram de mim. Mas o Flávio Negão, que era o chefe do tráfico, não me impediu de nada. Achava meu cabelo engraçado, era rastafári na época. E fomos trabalhando — diz o coordenador.

No início, o AfroReggae não tinha uma sede. As primeiras oficinas de percussão em Vigário Geral eram na rua, mas começaram a chamar atenção. Em 1994, Junior é apresentado ao poeta Waly Salomão, que o leva a artistas como Caetano Veloso e Regina Casé. A ONG ganhava fãs importantes, mas só teria recursos para a primeira sede própria, um barraco, em 1996. Foi após Junior ter dividido a vida de uma palestra no Canadá com um certo Luiz Inácio Lula da Silva.

— O Lula me disse que no PT as pessoas compravam cada metro da sede e ficavam sócias.

Grupo cria marca e vai desembarcar em SP

Corinthians montará centro de artes marciais no Complexo do Alemão

Quem chega ao Centro Cultural Waly Salomão, a atual base do AfroReggae em Vigário Geral, inaugurada em maio de 2010, não tem dificuldade em ver logo por que o grupo se tornou tão forte. A sala voltada para a educação, com videoteca e biblioteca, entre outras atrações, é decorada com o logotipo do Canal Futura. O estúdio onde haverá aulas de DJ chama-se Red Bull Favela Beats. O espaço onde a banda do bloco se prepara para o carnaval é a Sala de Ensaios Santander. Há ainda o Estúdio Natura Musical, que permite a gravação, mixagem e masterização para a produção de CDs profissionais. Sim, e graças a vaporizadores, o prédio todo cheira a perfume da Natura.

Além do núcleo de Vigário Geral, o AfroReggae ainda está em outras cinco favelas no Rio. Para sustentar todos os projetos, que atendem a milhares de crianças e jovens, o grupo não vai se limitar a esses já fartos patrocínios. No fim do ano passado, foi criado o selo AR de sustentabilidade. A ideia é comercializar a marca para empresas que tenham a ver com o legado social da ONG. A primeira parceria foi com a grife Reserva, que, além de tudo, ainda levou de quebra um garoto-propaganda: Diego Raimundo da Silva Santos, de 27 anos, mais conhecido como Mister M, que ganhou as páginas policiais em 2010 ao se entregar durante a ocupação do Complexo do Alemão pelas forças de segurança.

Além dos núcleos sociais, o AfroReggae também aposta nos programas de TV. E quer

sempre estar na frente. Está em produção uma série chamada "Mulher de bandido". E um documentário sobre temas fortes. — Vamos falar sobre os profissionais que têm mais dificuldade em se aposentar. E você sabe quem são? Prostituta, mi-chê e travesti. Vamos pesquisar como eles vivem. Além disso, vamos retratar a vida de jovens do Norte, que têm como característica principal ter poucos pelos. São rapazes heterossexuais trazidos para São Paulo para se tornarem travestis — adianta José Junior.

O outro passo do AfroReggae é a conquista de São Paulo. O grupo já montou um escritório no Edifício Altino Arantes, mais conhecido como Banespão, para ser sua base avançada na capital paulista. A ideia é trocar conhecimentos, e já há parcerias acertadas com o governo e com a Fiesp. Ao mesmo tempo, Junior já anuncia um convênio para trazer o Corinthians para o Rio. O time montará um centro de artes marciais, no Complexo do Alemão.

O lugar onde pulsam todas essas ideias é a sede administrativa do AfroReggae na Lapa, uma verdadeira mistura onde cabe de tudo. Junior faz questão de apresentar entre seus funcionários um ex-miliciano, que convive lado a lado com Tuchinha, que já foi um dos traficantes mais temidos do Rio e ainda guarda embaixo da calça jeans uma torçãozeleira de monitoramento de presos que saíram do regime fechado.

Amigo de Junior e tido por ele como um dos grandes parceiros do AfroReggae, o apresentador Luciano Huck dá a sua definição desse caldeirão: — Digo sempre que conselho ajuda e exemplo arrasta. O AfroReggae virou um grande laboratório de tecnologia social, que cria aplicando. ●

“

José Junior

Coordenador executivo do AfroReggae

Não somos uma holding social porque o termo está em desuso. Enjoio até daquilo que dá certo

Quando eu disse que queria tirar as crianças do crime ali (Vigário Geral), as pessoas riram de mim

Pensei: vou fazer a mesma coisa. E deu certo: não demorou muito para comprarmos o barraco — destaca Junior.

Em 1997, o barraco já se transformou no Centro Cultural AfroReggae Vigário Legal. A frente do seu tempo, em 1998, o grupo acrescenta às aulas de percussão, cursos de guitarra, baixo, bateria e até de DJ, coisa rara até hoje nas favelas do Rio.

Jornalista que viu surgir na década de 1990 movimentos sociais que ilustraram as páginas de seu livro "Cidade partida", Zuenir Ventura ratifica a

importância do AfroReggae, que se mantém forte até hoje:

— Eles não trabalham a favela como gueto, mas como parte da cidade. Não querem ser vistos com piedade. Cobram excelência, competência.

Em 2001, o AfroReggae dá dois grandes passos: a banda assina pela primeira vez com uma gravadora. E cria o projeto Conexões Urbanas, para levar shows às favelas. O espetáculo na Vila Vintém é definitivo: um grupo sediado numa comunidade rival quebrava a barreira da violência. E era ali que a ONG começava a entrar pesado, com um novo conceito de como retirar jovens do tráfico.

— A gente era respeitado pelos traficantes. E já tínhamos tirado alguns bandidos do crime no trabalho dos shows. O que eu fiz? Usei o mesmo método que os atraiu para o tráfico para retirá-los. Viajava para Nova York, comprava os melhores tênis, casacos, e andava na favela. Todos se viravam, numa coreografia de cotovelo e pescoço, para me admirar. Tinha que trabalhar com a ostentação — conta Junior.

O trabalho cresceu e se tornou um dos principais do AfroReggae: o coordenador diz ter retirado 2 mil bandidos do crime. Alguns trabalham no próprio grupo. Outros em empresas ligadas ao projeto empregabilidade, que faz a ponte entre egressos do sistema penitenciário e as firmas. A ressocialização só deixou no meio do caminho uma parceria: com o pastor Marcos Pereira, com quem visitava presídios. Os dois se desentenderam e hoje Junior afirma que o motivo do carro blindado, bancado por um banco que patrocina a ONG, é o temor de algum ataque do religioso. ●



GUITO MORETO



REPRODUÇÃO

Presente e passado. Acima, José Junior na sede atual do AfroReggae, na Lapa. Abaixo, na década de 1990, com Lula em uma palestra no Canadá

Carnaval 2013

Não deu para esperar Rei Momo chegar

Blocos antecipam o carnaval e arrastam multidões pela Zona Sul

THIAGO MATOS
grandierio@oglobo.com.br

A chave da cidade só será entregue ao Rei Momo daqui a duas semanas, mas o carnaval já arrasta multidões pelas ruas do Rio. Na tarde de sábado, a tradicional Banda de Ipanema atraiu cerca de 80 mil foliões, segundo estimativa da Polícia Militar. Eles ignoraram a chuva e fizeram a festa por ruas do bairro. Em seu 49º desfile, a banda prestou uma homenagem ao Jongo da Serrinha. Apesar da preocupação dos moradores, as telas de proteção de canteiros instaladas pela prefeitura passaram no primeiro teste: os jardins da Avenida Vieira Souto não foram danificados pelos foliões.

Aos 80 anos, José Ruy Castro, um dos fundadores do bloco, justificou a homenagem feita no desfile dizendo que "o jongo é um baluarte do samba, e o samba é carnaval". Com 70 músicos, a Banda de Ipanema viu uma chuva moderada cair no meio do desfile, mas ela não tirou a animação de ninguém.

O dia de desfiles começou com o Desliga da Justiça, que levou milhares de foliões à Praça Santos Dumont, na Gávea. Com centenas de ritmistas

fantasiados de super-heróis, o bloco animou crianças e adultos. Logo depois, foi a vez de o Spanta Neném invadir as ruas. O bloco saiu às 13h da Lagoa, na altura do Corte do Cantagalo, e seguiu em direção ao Estádio de Remo do Flamengo. O tráfego ficou interrompido entre as ruas Maria Quitéria e Anibal de Mendonça.

Em seu 18º desfile, o Imprensa Que Eu Gamo arrastou cerca de 10 mil foliões pelas ruas de Laranjeiras, de acordo com os organizadores. O desfile começou pouco antes das 16h na Rua Gago Coutinho e seguiu em direção ao Largo do Machado.

Nos desfiles de ontem, agentes da Guarda Municipal e da Secretaria Municipal de Ordem Pública não deram tréguas aos mijões. Durante a fiscalização, 77 pessoas, entre elas quatro mulheres e três estrangeiros, foram detidas por urinar na rua. Todas foram levadas para delegacias. Os agentes ainda recolheram produtos vendidos ou usados ilegalmente por ambulantes: 1.382 latinhas de bebidas, 22 caixas de isopor, 15 carrinhos para transporte de mercadoria, cinco botijões de gás, cinco vasilhames e quatro guarda-sóis. ●



ALEXANDRO AULER

Multidão. O Imprensa Que Eu Gamo toma o Largo do Machado: a Polícia Militar calcula que o bloco de Laranjeiras reuniu cerca de dez mil pessoas



GABRIEL DE PAIVA



GABRIEL DE PAIVA

Beleza. Ritmistas animam o desfile do Spanta Neném, na Lagoa

Alegria. Folião fantasiado de Coringa se diverte no Desliga da Justiça, na Gávea

Na compra desta TV leve 4 óculos 3D

46" LED

SONY • TV 46" LED 3D Full HD com internet

R\$ 299,90

sem juros* à vista R\$2.999,00

440 FROST LITROS FREE

IPI

R\$ 499,90

sem juros* à vista R\$4.999,00 (cada)

- Iluminação interna com LED
- Dispenser de água
- French Door

10 Electrolux

R\$ 199,90

sem juros* à vista R\$1.999,00

- Fogão 5 bocas com acendimento automático
- Timer e grill
- Queimador Tripla Chama

Bonito, rápido, fluido Windows 8

POSITIVO

- Notebook S3040
- Processador Intel® Pentium®
- Windows 8**
- Memória 6 GB
- HD 320 GB

R\$ 179,90

sem juros* à vista R\$1.799,00

INCIBE

R\$ 179,90

sem juros* à vista R\$1.799,00

A tela da TV é gigante. A variedade de produtos de alta tecnologia, também.

pontofrio

viva a inovação

Cartão Pontofrio. Peça agora o seu e aproveite as vantagens.

pontofrio.com

televentas 4002-3050

seg a sáb: das 8h à 0h • dom.: das 8h às 20h

EM ATE 10X SEM JUROS em todos os cartões.

Ofertas válidas no dia 27/1/2013 ou enquanto durarem os estoques. *Condição exclusiva para os produtos anunciados. 20 peças por produto, exceto para produtos de saldo/mostruário. Não vendemos por atacado. Condição de pagamento: sem juros para financiamento em 10X no cartão de crédito, IOF não incluso. Sujeito a análise de crédito. **Os produtos e marcas anunciados possuem seus direitos protegidos por lei. Consulte outras condições de pagamento. Eventuais erros neste impresso têm preservado o direito de retificação. Fotos ilustrativas. As ofertas anunciadas não são válidas para a loja virtual www.pontofrio.com.br nem para o Televentas.



GUITO MORETO

Elegância. As adolescentes que cresceram com o bloco de Laranjeiras

Debutantes celebram 15 anos com valsa no Gigantes da Folia

Desfile terá baile. Bangalafumenga e Rio Maracatu também farão festa

RAFAELLA JAVOSKI
rafaella.javoski@oglobo.com.br

Vestido longo, maquiagem, penteado, príncipe e valsa. Tu-

do que é obrigatório nos tradicionais bailes de debutantes estará no Gigantes da Lira, que comemora 15 anos e desfilará no próximo domingo. Mas, no carnaval, o figurino não poderá ser conservador. Terá mais brilho, os passos elegantes vão se misturar às marchinhas e os príncipes serão palhaços, figuras características do bloco. Bangalafumenga e Rio Maracatu, que completam a mesma idade, também se preparam para um aniversário em grande estilo.

Criado pela atriz Yeda Dantas para apresentar às crianças o prazer de brincar na rua, o Gigantes da Lira faz a alegria dos pequenos em Laranjeiras. Orgulhosa das adolescentes que vêm acompanhando o bloco desde a infância, ela promoverá um baile durante o desfile e 15 meninas, com produção de gala, dançarão uma valsa.

O desfile ainda terá a tradicional homenagem a Dona Elizabeth, de 91 anos, que acompanha a evolução do Gigantes desde sua fundação. Ela não segue o

bloco, mas, de uma janela, curte a folia há anos. A primeira aparição aconteceu uma década atrás, e desde então, apenas duas vezes deixou de acenar, por não ter se sentido bem. Yeda conta que a banda sempre para e toca "Carinhoso", de Pixinguinha, em frente ao número 65 da Rua Cristóvão Barcelos. Uma multidão canta a música para Dona Elizabeth.

— Não há desfile do Gigantes sem homenagem à Dona Elizabeth. Esperamos que ela apareça na janela — diz Yeda, que, durante a folia, se transforma no palhaço Giramundo.

O Bangalafumenga é outro bloco que terá valsa em meio à batucada, com a participação do Quarteto de Cordas da Orquestra Petrobras Sinfônica. O diretor musical Rodrigo Maranhão garante que a mistura, programada o domingo de carnaval, vai dar certo.

— Mas não faremos ensaio. Os ritmistas darão um jeito — afirma Maranhão, sorrindo.

Para comemorar seus 15 anos na terça-feira de carnaval, o Rio Maracatu vai trazer batuqueiros e dançarinos de Recife. Feliz por ver o bloco chegar à mocidade, seu fundador, Francisco Rocha, o Chicote, comemora o resgate do carnaval de rua no Rio:

— Antigamente, meus amigos viajavam nessa época. Agora, todos querem desfilarem blocos da cidade. ●